



## CRISTIANISMO E HUMOR: O RISO NO BRASIL ATÉ OS TEMPOS DE REDE

Patrícia Leonor Martins<sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo apresenta uma breve história sobre cristianismo e humor no Brasil, perpassando a literatura até chegar aos tempos do uso das tecnologias digitais, para fazer-se humor com o cristianismo, tendo como objeto de pesquisa a personagem do Pastor Adélio, um ciberateísta. Traz como autor base para as discussões Elias Thomé Saliba com sua obra Raízes do riso: A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos de rádio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cristianismo; Humor; Pastor Adélio; Rede.

**ABSTRACT:** The article presents a brief history about Christianity and humor in Brazil, ranging from literature to the use of digital technologies, to make humor with Christianity, and to study the character of Shepherd Adélio, a cyberateist. He brings as a base author to the discussions Elias Thomé Saliba with his work Roots of laughter: The humorous representation in Brazilian history: from the Belle Époque to the first radio times.

**KEYWORDS:** Christianity; Humor; Network; Shepherd Adélio.

O riso é a mais útil forma da crítica, porque é a mais acessível à multidão. O riso dirige-se não ao letrado e ao filósofo, mas à massa, ao imenso público anônimo.

Eça de Queiroz

### INTRODUÇÃO

Vários são os estudos sobre o riso e o humor, por isso não se tem o objetivo de esmiuçar esses estudos, muito porque só o tema do riso e do humor oferecem

inúmeras possibilidades de abordagem e análise. Nesse sentido, o artigo apresenta uma breve contextualização sobre o humor no Cristianismo. Em seguida, apresentar-se-á uma breve história do caminho do humor no Brasil até chegar aos tempos do uso das tecnologias digitais.

Programas e personagens interpretados pelos *humoristas Chico Anísio* e *Marcio Américo* terão destaque nas discussões aqui desenvolvidas. Apresentar-se-á nesse estudo os diferentes aspectos e suas semelhanças ao tratar do humor e de seu caráter. Os autores de maior relevância que compõe a discussão ora apresenta são: *Mikhail Bakhtin*; *Georges Minois*, *Elias Thomé Saliba*.

## HUMOR: CRISTIANISMO E LITRATURA

No fragmento de um papiro alquímico, de autor anônimo, datado do Século III, o papiro de Leyde <sup>2</sup> diz que:

Tendo rido Deus, nasceram os sete deuses que governam o mundo... Quando ele gargalhou, fez-se a luz... Ele gargalhou pela segunda vez: tudo era água. Na terceira gargalhada, apareceu Hermes; na quarta, a geração; na quinta, o destino; na sexta, o tempo. Depois pouco antes do sétimo riso, Deus inspira profundamente, mas ele ri tanto que chora, e de suas lágrimas nasce a alma.

Ao observar o que diz o papiro é possível pensar que Deus, todo poderoso, cria o mundo a partir de suas risadas; que Deus possui a capacidade de rir. Segundo *Minois (2003, p. 22)*

[...] o filósofo *Próclus*, no século V a. C., fala de um poeta órfico que atribuía o nascimento dos deuses ao riso da divindade soberana e o nascimento dos homens e as suas lágrimas. Proximidade do riso e das lágrimas, natureza misteriosa e origem divina do riso: esses temas são recorrentes nas mitologias do Oriente Médio. Nós os reencontramos na Fenícia, onde um riso ritual acompanha o sacrifício de crianças, na Babilônia e no Egito, onde os sacerdotes de Tebas saúdam as benesses do Nilo com uma gargalhada. Nesses países, o riso pertence à deusa *Maat*; ele manifesta a alegria de viver, a confiança no futuro, o combate contra os poderes da morte.

Diante do exposto, há de se fazer um questionamento, é possível rir do texto bíblico? *Salma Ferraz*, em seu artigo *É certo que riste: humor no cristianismo*, afirma que “sim, e há muito humor” (*FERRAZ, 2014, p. 123*). Assim como *Ferraz*, *Georges Minois (2003, p. 115)* também traz uma afirmativa positiva: “É claro que há riso na Bíblia! Os hebreus são homens como os outros, e esse condensado de sete

a oito séculos de sua literatura contém, sem dúvida, a mesma proporção de riso e de lágrimas que os escritores dos povos vizinhos". Para Ferraz (2014, p. 124) "isto ocorre justamente pela "extraordinária flexibilidade da Bíblia, com a qual se pode fazer qualquer coisa".

Na introdução do livro *A História do Riso e do Escárnio*, de George Minois, o autor nos alerta que o riso tem um lado revolucionário e subversivo. Segundo o crítico "... o riso está a cavalo sobre uma dupla verdade. Serve ao mesmo tempo para afirmar e subverter" (2003, p. 16). Indica ainda que o riso se encontra na encruzilhada do divino e do diabólico. No capítulo *A Diabolização do Riso na Alta Idade Média*, Minois afirma que o cristianismo não era propício ao riso, tal fato se explica uma vez que para a Igreja o riso se relaciona com o pecado original: antes de pecarem os homens eram perfeitos, conheciam tudo e não tinham motivos para rir.

E eis Adão e Eva no paraíso terrestre. De que eles poderiam rir? São perfeitos, eternamente belos, eternamente jovens; eles se movimentam, asseguram-nos os teólogos, em um jardim de delícias onde tudo é harmonia; nenhuma fealdade, nenhum mal: o riso não tem lugar no jardim do Éden. Nem sequer o riso de satisfação: há satisfação quando alguma carência é suprida; ora, o paraíso conhece a plenitude permanente" (MINOIS, 2003, p. 112).

Para Minois (2003), o riso na criação divina aparece apenas como sinônimo de subordinação. O riso existente no Éden surgirá no sentido mais agressivo apenas após o pecado de Adão e Eva, quando a natureza humana entrará em desarmonia e desequilíbrio, surgindo como resultado de um ato pecaminoso, que provocaria a expulsão do Homem do Éden. Daí sua natureza diabólica:

É a desforra do diabo, que revela ao homem que ele não é nada, que não deve seu ser a si mesmo, que é dependente e que não pode nada, que é grotesco em um mundo grotesco. Agora, pode-se rir. Há de quê: rir do outro, desse fantoche ridículo, nu, que tem um sexo, que peida e arrota, que defeca, que se fere, que cai, que se engana, que se prejudica, que se torna feio, que envelhece e que morre – um ser humano, bolas!, uma criatura decaída." (MINOIS, 2003, p. 112).

Na perspectiva da citação, por conseguinte, para a Igreja o riso é visto como algo nefasto, pois ele só existe por meio das imperfeições humanas: é o ser humano rindo de suas próprias fraquezas. O riso se comporta como um movimento perturbador da estabilidade e de descontrole das emoções, por isso seria necessário manter o controle sobre o riso. Podemos perceber essa visão na seguinte passagem em Minois (2003, p. 159):

A visão oficial e séria do mundo, representada pela estética clássica insiste, ao contrário, no permanente, no estável, no identificável, no diferenciado, e só vê, no grotesco popular, grosseria, insulto, sacrilégio, vontade subversiva de rebaixamento. Ela mantém apenas o “alto”, desprezando o “baixo”, [...] A visão séria é acompanhada de interditos, restrições, medo e intimidação. Inversamente, a visão cômica, ligada à liberdade, é uma vitória sobre o medo.

Certamente, não foi a graça divina que levou à hegemonia cristã na Idade Média. Ao contrário, foram questões políticas que fizeram com que Constantino I, no início do século II, aceitasse a nova religião. Porém, o cristianismo só se estabeleceu como religião oficial, em Roma, no ano 380 d. C. prescrito pelo Imperador Teodósio I. O riso acabou sendo banido e demonizado na ascensão do cristianismo.

O primeiro riso a nos ressoar que vem da Bíblia é o riso criticado, mas não censurado, de Sara. A perícope encontra-se em Gênesis 18, *A aparição de Mambré*:

3 [...] E disse: “Meu senhor, eu te peço, **se encontrei graça a teus olhos**, não passes junto de teu servo sem te deteres. [...] 9. Eles lhe perguntaram: “Onde está Sara, tua mulher?” Ele respondeu: “Está na tenda”. 10. O hospede disse: “Voltarei a ti no próximo ano; então tua mulher Sara terá um filho”. Sara escutava, na entrada da tenda, atrás dele. 11. “Ora Abraão e Sara eram velhos, de idade avançada, e Sara deixara de ter o que têm as mulheres. 12. **Riu-se, pois Sara** no seu íntimo, dizendo: “Agora que estou velha e velho também está o meu senhor, terei ainda prazer?” 13. Mas Iahweh disse a Abraão: “**Por que se ri Sara**, dizendo: “Será verdade que vou dar à luz, agora que sou velha?” 14. Acaso existe algo de tão maravilhoso para Iahweh? Na mesma estação, no próximo ano, voltarei a ti, e Sara terá um filho”. 15. **Sara desmentiu: “Eu não ri”**, disse ela, porque tinha medo; mas **ele replicou: “Sim, tu riste.”** 16. Tendo-se levantado, os homens partiram de lá e chegaram a Sodoma. (BÍBLIA, Jerusalém. Genesis. 2006 p. 56. Grifos meus).

Em, Genesis 21 temos o nascimento de Isaac, filho de Abraão e Sara “3. Ao filho que lhe nasceu, gerado por sara, Abraão deu o nome de **Issac**. [...] 6. E Disse Sara: Deus me deu **motivo de riso**, todos os que o souberem **rirão comigo**”. O filho recebe o nome de Isaac, que em hebraico significa “**Deus ri**”, em lembrança do ceticismo de Sara (BÍBLIA, Jerusalém. Genesis. 2006 p. 56. grifos meus). Analisando os episódios, descritos, aponta-se para uma intenção humorística quando lidam com a promessa de gravidez de Sara e o nascimento de Isaac, num momento em que Sarah estava fora da idade de ter filhos (Gn 17, 4-5). Supõe-se que uma vez que ambos Abraão (Gn 15, 4) e Sara riu (Gn 18, 12-13) na perspectiva de um

nascimento, anunciado por Deus, eles mostraram um senso de humor (Gn 17, 17). Dessa forma, nos faz pensar que Deus deve ter um grande senso de humor, já que ele deu a Abraão um filho na velhice e cujo nome é associado ao riso.

No entanto, em contraste com este ponto de vista, parece claro que o Deus deu comando a Abraão, ou seja, ordenou-o que chamasse o menino 'Isaac' (יִצְחָק), que vai servir ao plano de salvação, alegre, no futuro para seu povo, Israel. Nesse interim, o riso não representa uma característica pessoal de Deus, divindade. Agora, se Sarah está rindo com a perspectiva de ter um filho, nascido de seu ventre, nessa idade, deve ser entendido como um gesto humorístico inocente, porque o Senhor teria transformado um problema (a elevada idade de Sara e de Abraão), ela questionou rindo de tudo isso! (Gn 18, 10-15); colocando-nos no lugar de Sara, quem não riria? O texto bíblico aponta o riso de Sara como um ato de zombaria, que Sara estaria zombando da promessa do Senhor.

Para Minois (2003, p. 113) "a história de Sara é ridícula." Para ele é preciso interpretar esse riso, que para os exegetas se tornou uma questão importante. Pois para ele [...] "há uma distinção entre riso bom e riso mau. De acordo com Alcuim, o riso de Abraão é bom, é um riso de alegria, o de Sara é mau, e é por isso que ela é repreendida" (2003, p. 113). Nas discussões sobre se há humor na Bíblia apresenta-se a necessidade de se "distinguir entre o humor que acreditamos encontrar nela, com nossa sensibilidade atual, e o humor que os redatores voluntariamente aí colocaram, mesmo que isso não nos faça rir mais" (MINOIS, 2003, p. 114). As discussões que permeiam os estudos sobre o humor sempre recaem na questão se há ou não humor na Bíblia. Há passagens bíblicas que podem ser interpretadas como humoristas ou não, tudo vai depender do ponto de vista de quem ler, e qual o interesse na leitura. Vejamos algumas perícopes em que o riso está presente: No **Antigo Testamento**: Saltam-nos aos olhos os textos do Eclesiastes, severo e pessimista, autor do século IV a.C.: Eclesiástico (**Ec 2, 2**): "Do riso eu disse: 'Tolice!' e da alegria: 'Para que serve?' ". (p. 1073) Eclesiástico (**Ec 3, 4**): O autor também reconhece haver "tempo de chorar, e tempo de rir" (p. 1074). Eclesiástico (**Ec 7, 3-4**): "Mais vale o desgosto do que o riso, pois pode-se ter a face triste e o coração alegre. O coração dos sábios está na casa em luto, o coração dos insensatos está na casa em festa" (p. 1078). A ideia de que até mesmo Deus ri é mencionada várias vezes nos Salmos. Vejamos alguns: Em Salmos (**Sm 2, 4, 5**), o salmista diz: "O que habita nos céus ri, o Senhor se diverte às custas deles. E depois lhes fala com ira, confundindo-os com seu furor" (p. 864). Em Salmos (**Sm 37, 13**): "mas o Senhor ri às custas dele, pois vê que seu dia vem chegando" (p. 899). Em Salmos (**Sm 59, 9**): "E tu, lahweh, tu ri à sua custa, tu te divertes com todas as nações" (p. 923)

As perícopes acima indicam que um dia o Senhor riu dos inimigos. Claro que o tipo de riso aqui descrito não é de uma risada daquela de se divertir, é muito mais um sarcasmo, um escárnio. O salmista está descrevendo uma risada desdenhosa, sardônica que visa os ímpios que não percebem a inutilidade se Deus não as aprovas. Todavia, não falta no Antigo Testamento a referência ao riso sadio, decorrente dos benefícios de Deus, como, por exemplo, o Salmo 126, 2, “Quando Iahweh fez voltar os exilados de Sião, ficamos como quem sonha: a boca se nos encheu de riso, e a língua de canções...” (p. 1000). É o riso dos exilados que voltaram da Babilônia no século VI a.C., riam de alegria. Pode-se dizer que o Antigo Testamento condena o riso vazio, mas reconhece a legitimidade do riso alegre provocado pelas dádivas de Deus. No entanto, para muitos é complicado entender e buscar o humor na Bíblia, isso se dá pela estranheza no assunto ou até mesmo na falta de compreensão textual. Há ainda a questão religiosa que “cega” o leitor da Bíblia, direcionando a leitura para uma visão litúrgica.

O *Novo Testamento* tem poucas passagens em que a comicidade, o humor e o riso se fazem presentes. Os escritores do Novo Testamento pouco se referem ao riso. Porém, é possível apontar algumas passagens em que o riso leviano nesta vida, que pode ser de decepção, como também de pranto, agora pode preparar o riso futuro: No **Novo Testamento**: Lucas (**Lc 6, 21**): “Felizes vós, que agora chorais, porque haveis de rir” (p. 1798). S. Tiago (**4, 9**) exorta os pecadores “Entristecivos, cobri-vos de luto e chorai. Transforme-se vosso riso em luto e vossa alegria em desalento” (p. 2110). Há também alusão ao riso escarneador, como ocorreu em casa de Jairo, onde Jesus ressuscitou uma menina: Marcos (**Mc 5, 39**): “Entrando disse: ‘Por que este alvoroço e este pranto? A criança não morreu; está dormindo’. E caçoavam dele” (p. 1766).

Ferraz (2014) também aponta que há riso no Novo Testamento, ainda que menos agressivo:

No Novo Testamento também há riso. Afinal o que fazia aquele misterioso homem nu<sup>57</sup>, que aparece seguindo a Jesus no momento trágico de sua prisão no Horto das Oliveiras que aparece em Marcos 14: 51? E o Apóstolo Pedro, medroso e mentiroso com medo do simples cantar de um galo (FERRAZ, 2014, p. 131-132).

Como se vê, o Novo Testamento é sóbrio a respeito da temática. Condena o riso maldoso e vazio, como fazem os autores do Antigo Testamento. A Bíblia emprega muitos tipos de humor, mas seu propósito não é entreter. O objetivo principal da Bíblia é orientar hebreus de como viver a vida ideal. Muito do humor encontrado na Bíblia tem um propósito: Para demonstrar que o mal está errado e até mesmo

ridículo, às vezes. As punições para os transgressores são frequentemente concebidas para zombar deles.

Com base no que foi dito até agora, é possível dizer que o riso tem um caráter histórico, uma vez que cada época elege de acordo com os paradigmas hodiernos seus objetos de derrisão; e que rir é uma atividade social e todos os homens têm a capacidade de rir, embora, muitas vezes, não o façam. O que torna intrigante estudar o humor e o riso é justamente a sua aceitação e a sua negação, pois o humor se relaciona com as nossas posturas, o nosso jeito de agir, de pensar, de sentir e de produzir conhecimento. Minois (2003) afirma que para algumas teorias, o riso seria uma manifestação de orgulho, de vaidade e de desprezo. “A visão oficial e séria do mundo, representada pela estética clássica, insiste no permanente, no estável, no identificável, no diferenciado e só vê no grotesco insulto, sacrilégio, vontade subversiva de rebaixamento” (MINOIS, 2003, p. 102).

Temos o retrato da proibição do riso pelo cristianismo em determinado momento histórico, na obra *O Nome da Rosa*, do escritor Umberto Eco, obra que posteriormente fora utilizada como base para a produção do filme *O Nome da Rosa*. Para o autor “o riso distrai, por alguns instantes, o aldeão do medo. Mas a lei é imposta pelo medo, cujo nome verdadeiro é temor a Deus” (ECO, 1983, p. 533). Umberto Eco, em *O Nome da Rosa*, filme e livro, retrata a obra *A Poética* de Aristóteles quando fala da comédia, retratando-a como uma obra proibida que, em virtude da Inquisição, não se conseguiu recuperar. Eco traça uma história repleta de assassinatos que estão em torno de um segredo: *O Livro II da Poética*<sup>3</sup>, de Aristóteles. Observemos uma passagem do livro quando o frei Guilherme de Baskerville indaga o monge Jorge<sup>4</sup> sobre o que conteria o suposto livro, e ele responde:

O riso é a fraqueza, a corrupção, a insipidez de nossa carne. É o folguedo para o camponês, a licença para o embriagado [...] aqui a função do riso é invertida, elevada à arte, abrem-se-lhe as portas do mundo dos doutos. Faz-se dele objeto de filosofia, e de pérfida teologia. [...] este livro poderia ensinar que se libertar do medo do diabo é 27 sabedoria. [...] O riso distrai, por alguns instantes, o aldeão do medo. Mas a lei é imposta pelo medo, cujo nome verdadeiro é temor de Deus. [...] E este livro, justificando como remédio milagroso a comédia, a sátira e o mimo, que produziriam a purificação das paixões através da representação do defeito, do vício, da fraqueza, induziria os falsos sábios a tentarem redimir (com diabólica inversão) o elevado, através da aceitação do baixo. (ECO, 1983, p. 532-533-536).

Nesse livro, supostamente, Aristóteles teria escrito sobre o riso. O medo do que estaria escrito faz com que se desejasse sua extinção. O antigo bibliotecário

do mosteiro, o “venerável” Jorge é o responsável por sua proteção, que para proteger os monges do conhecimento da literatura inadequada e sua difusão pelo mosteiro, aqueles que tinham o livro em suas mãos eram assassinados. Claro que depois de rirem do que liam eles morriam por causa de um veneno que absorviam ao manusear o livro e colocá-los na língua para conseguir virar as páginas.

Por se tratar de uma religião repleta de severidade e austeridade não se permitia o riso, e só com a violação de tabus poderia se fazer rir. Assim, quanto mais séria fosse a religião, mais a sua inversão provocaria o riso. Na obra, o escritor apresenta uma releitura, com uma visão crítica, do período feudal, nele, o riso, que encontrava a sua libertação na plebe alienada. Percebe-se que o riso era visto como uma ameaça para a sociedade, pois há uma preocupação recorrente diante das obras de humor e das manifestações humorísticas, porque a visão sobre a arte era de algo ameaçador, que corrompe e um obstáculo ao conhecimento. Por isso, no período retratado na obra de Umberto Eco os monges eram os únicos letrados em um mundo em que nem os servos e nem os nobres sabiam ler, dessa forma, ao povo também se negava o conhecimento.

Eco também retrata Aristóteles com um pensamento diferente da ordem, uma das passagens interessantes da obra está na fala de frei Guilherme, em que ele defende a comicidade encontrada nas obras de Aristóteles, e especialmente posicionando-se favorável ao conhecimento:

Aqui Aristóteles vê a disposição ao riso como uma coisa boa, que pode mesmo ter um valor cognoscitivo, quando através de enigmas argutos e metáforas inesperadas, mesmo dizendo-nos as coisas ao contrário daquilo que são, como se mentisse, de fato nos obriga a reparar melhor, e nos faz dizer: Eis, as coisas estavam justamente assim, e eu não sabia” (ECO, 1983, p. 522).

Umberto eco fala dos perigos de se estudar a obra de Aristóteles, especialmente o *Livro II da Poética*, pois se pode adquirir sabedoria e legitimar a ordem.

Não importa se durante a festa produzir-se-á na terra a epifania do mundo do avesso [...] o riso libera o aldeão do medo do diabo, porque na festa dos tolos também o diabo aparece tolo, portanto, controlável. Mas esse livro poderia ensinar que libertar-se do medo do diabo é sabedoria. Quando ri [...] o aldeão se sente patrão [...] este livro poderia ensinar aos doutos os artifícios argutos, e desde então ilustres, com que legitimar a inversão. (ECO, 1983, p. 533).

No entanto, pode-se dizer que o livro de Umberto Eco é marcado pelas



situações cômicas, por meio de uma estética dramática. Tem o riso como eixo central pelo qual a narrativa se desenrola. A personagem frei Guilherme é marcada por uma fina ironia, que se completa com o olhar sarcástico e com o riso, no canto da boca. O mesmo riso protagonista do caos e do detrimento dos dogmas, como recuso da dúvida e gerador de descrença.

Segundo Minois (2003), o mundo cômico foi excluído do domínio sagrado e tornou-se a caracterização essencial da cultura popular que evoluiu fora da esfera oficial. A religião popular medieval é marcada pela integração entre a seriedade cristã e o cômico. A Igreja do período medieval acabou tendo que aceitar as manifestações festivas do povo e criou as suas próprias festas religiosas. “O mais eficaz é criar festas cristãs para substituir as pagãs. O povo não vê aí inconveniência, desde que se divirta. É preciso, portanto, aceitar a presença do riso” (MINOIS, 2002, p. 183).

O que se percebe é que os líderes religiosos cristãos querem fazer parecer que não há humor no Cristianismo, mas isso não significa que não haja humor na Bíblia e na própria essência da religião como podemos perceber na passagem do livro História do Riso e do Escárnio de Minois, quando afirma que o verdadeiro cristianismo é sorridente, como provam “os sorrisos de Francisco de Assis e de Francisco de Sales, os alegres abraços de celebração e os risos dos presbitérios” (MINOIS, 2003, p. 11)

O sentido transgressor do riso é visto por Bakhtin nos espetáculos cômicos da Idade Média. Nas formas dos ritos, o autor define o carnaval como a segunda vida do povo. Pois o riso nesse caso seria festivo, alegre e benfazejo, um riso coletivo, social e com o caráter subversivo à hierarquia. Por isso, para Bakhtin (1999, p. 08), “todas as formas e os símbolos da linguagem carnavalesca estão impregnados de lirismo da alternância e da renovação, da consciência da alegre relatividade das verdades e autoridades no poder”. Esse riso seria ainda “[...] burlador, e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente” (p. 10). Todavia, quando o riso passa a pertencer às festas religiosas e quando a Igreja e o poder institucionalizam o riso, ele perde o sentido transgressor, pois ele vai reforçar a ordem existente. Umberto Eco também corrobora com essa ideia, pois para ele o fato de as festividades populares serem controladas pela Igreja, o riso perde o poder transgressor. Para Eco, (1983, p. 532):

[...] a Igreja em sua sabedoria concedeu o momento de festa, do carnaval, da feira, essa ejaculação diurna que descarrega os humores e retém de outros desejos e de outras ambições [...] Mas desse modo o riso parece coisa vil, defesa para os simples, mistério dessacralizado para a plebe.

Para Minois (2003), o riso já não mais ameaça a ordem social. Com o passar dos tempos, o riso foi utilizado em diferentes funções, em benefício da transgressão da ordem ou a serviço do poder. Estando aí a dimensão ambivalente e contraditória do riso. Ora desprezado, ora bem aceito, só dependia da resiliência da sociedade. O autor ainda chamou de sociedade humorística a da nossa época, em que dispõe de um riso industrializado, fabricado com o objetivo de consumo, aquele riso que hoje está impregnado na indústria cultural.

Contudo, com as mudanças de paradigmas ocorridas ao longo da história, ao colocar o humor na função de apaziguar o medo da subversão, se tira o caráter artístico do riso, e nos dias atuais, é justamente esse humor que vem sendo atacado. Mas qual é a nossa reação em relação ao caráter artístico e transformador do humor? O humor é só aquele que nos faz dar risadas, é aquele que aquieta, que apazigua ou é também aquele que nos faz pensar, discutir? Deixo aqui esse questionamento a fim de refletirmos!

#### O RISO NO BRASIL: NA LITERATURA

O Brasil, colônia de Portugal no século XVII, estava fortemente influenciado pela religião. O catolicismo era a religião oficial do país e outras crenças eram proibidas e ferozmente perseguidas. A vida cultural no Brasil do século XVII não era nada atrativa. Neste ambiente surge o poeta Gregório de Matos (1636-1696), apelidado de *Boca do Inferno* por sua crítica ferina à sociedade baiana da época e aos membros do clero. Gregório de Matos é considerado o primeiro poeta autenticamente brasileiro, usando temas e expressões características da cultura local. Grande satírico, ele tinha frequentemente problemas com a elite local, com os representantes do poder político e religioso.<sup>5</sup>

Conta a história, que estando prestes a morrer, solicitou que chamassem dois padres para que estes ficassem um em cada lado de sua cama. E proferiu *“poderia morrer como Jesus Cristo: cercado por dois ladrões”*. Esta passagem – cuja veracidade é discutível, já que Gregório de Matos não chegou a publicar em vida seus poemas. Vejamos um de seus poemas, possivelmente circulavam por meio de panfletos:

Ao mesmo clérigo appellidando asno ao poeta  
Padre Frisão se vossa Reverência  
Tem licença do seu vocabulário  
Para me pôr um nome incerto, e vário,  
Pode fazê-lo em sua consciência.

Mas se não tem licença em penitência,  
De ser tão atrevido, e temerário  
Lhe quero dar com todo o Calendário,  
Mais que a testa lhe rompa, e a paciência.  
Magano, infame, vil alcoviteiro,  
Das fodas corretor por dous tostões,  
E enfim dos arreitaços alveitar.  
Tudo isso é notório ao mundo inteiro,  
Se não seres tu obra dos culhões  
De Duarte Garcia de Bivar.<sup>6</sup>

O ponto importante da crítica à religião, em Gregório de Matos é que esta era dirigida a indivíduos: clérigos, bispos e leigos, mas nunca aos princípios da religião católica. Tal afirmação verifica-se na poesia mencionada acima, em que o autor satiriza um padre, que supostamente o teria atacado em um outro momento. No entanto, a doutrina cristã era aceita pelo poeta e esse fato pode ser facilmente comprovado com os vários os poemas nos quais o autor demonstra arrepende-se de seus pecados, de seus escritos, esperando obter o perdão de Deus. Por isso, Gregório de Matos dedica poemas à Virgem, ao Santíssimo Sacramento, ao menino Jesus, escrevendo poemas como o: *A Nosso Senhor Jesus Christo Com Actos de Arrependido e Suspiros de Amor*:

Ofendi-vos, Meu Deus, bem é verdade  
É verdade, meu Deus, que hei delinqüido  
Delinqüido vos tenho, e ofendido,  
Ofendido vos tem minha maldade [...]<sup>7</sup>

O que se percebe em Gregório de Matos é uma enorme criticidade, em que pessoas da elite, padres e demais religiosos em suas atitudes individuais, faziam parte da sua inspiração para compor. Apesar disso, a Igreja, enquanto instituição, não era atacada em seus poemas satíricos, tão pouco a doutrina cristã.

Adiantando-nos no tempo e no espaço, ao falarmos do humor, do riso, no Brasil, faz-se necessário, mencionar um ensaio de Alcides Maya de 1912, cujo o título: *Machado de Assis (Algumas notas sobre o humour)*, teria Machado de Assis sido um cômico, humorista? Para Maya, parece que sim.

Ao lermos o ensaio de Alcides Maya, hoje, com um intervalo de mais de um século, percebemos que o texto registra o percurso de um intelectual que abandona

os modelos científicos e naturalistas em buscas de maior sagacidade crítica. No entanto, a crítica na História de Literatura Brasileira, torna evidente o paradoxo da crítica naturalista que, ao pretender cientificar e assimilar o sentimento coletivo do povo e da sociedade, criava espaço para o subjetivismo e a idiossincrasia.

No ensaio, o autor reconhece, de maneira pioneira, a independência de Machado de Assis às formas, aos gêneros e às escolas literárias, pois Machado tinha uma consciência que se sobrepõe às normas. Maya (1912) coloca Machado no rol dos grandes humoristas, de diferentes nacionalidades, tempo e espaço, apontando afinidades estilísticas e psicológicas, como Rabelais, Sterne, Molière e Cervantes. Não obstante, o autor não esquece o caráter sociológico da crítica que realiza, pois para ela os humoristas comungam de um momento correlato de transição cultural, o qual é responsável pelo surgimento de uma crise de valores. Nesse aspecto, conclui que a dúvida, juntamente com o pessimismo e a amargura, é um elemento importante na composição do humour machadiano. Para Maya (1912), o humour machadiano:

Ao escritor brasileiro, o que o distingue e singulariza é a mesclada de negro ceticismo com as formas risonhas e nítidas; é o humour, na saliência repentina da contradição burlesca assaltando a sisudez das máximas a alternar com a graça leve, preponderante, do espírito latino. Escolheu modelos do norte; mas acentuadamente propende para a linha suave, para a luz serena, para o elegante jovializar (MAYA, 1912, p. 40).

O que o autor sinaliza na citação acima é perceptível no conto *O Enfermeiro* de Machado de Assis, nele tem-se uma das passagens mais irrefutáveis da ironia e do humor machadianos, logo no início do conto, no momento em que narrador-protagonista, dirige-se a um narratário não identificado, e diz que o seu relato será um “documento humano”, o episódio de sua vida, foco da narração: “Pedi-me um documento humano, ei-lo aqui”. (ASSIS, 2008, p. 486). É possível destacar no referido conto os recursos mais geniais de Machado de Assis com relação ao humor, o contraste entre o real e o ideal inalcançável da conduta humana, pois ele não se limita a narrar uma história com humor, mas desnuda a mente humana, já que, o próprio narrador, ao contar um episódio de sua vida, aponta as formas que ele adotou para aliviar o peso da consciência e tomar posse da herança do homem que matou.

Não o bastante, no final do conto, o narrador parodiando o Sermão da Montanha: “Bem-aventurados os que possuem, porque eles serão consolados”. (ASSIS, 2008 p. 497) demonstra o riso, ensejado pela paródia, pois traz consigo tom sarcástico ao mesmo tempo que melancólico, ou de “enfado e tristeza do mundo e do homem”, tal como enfatiza Maya na primeira frase de seu ensaio.

Segundo Maya (1912), o humor machadiano, perpassa pela a abertura de “brechas” as quais encontra mecanismos de como apaziguar o sentimento, é um processo de racionalização para aliviar a consciência. Isso é perceptível nas obras de Machado de Assis, tais como: Memorial de Aires, Dom Casmurro, Esaú e Jacó, dentre outras, assim como nos contos. Maya, ainda vai dizer que o humor em Machado se expressa pela filosofia, pelo estilo, pela visão tragicômica do mundo, pela crítica humana, pelo incisivo do escárnio indireto, pelo talento no exhibir a sandice, pelo poder de irrisão e pela tristeza oculta no ataque. (MAYA, 1912, p. 23).

Já, em seu conto *A igreja do diabo*, Machado de Assis relata que o Diabo decide fundar uma igreja, pois “sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos, sem organização, sem regras, sem cânone, sem ritual, sem nada.” (ASSIS, 1996, p. 11). O que se observa no conto é que Machado não ri às gargalhadas, daquilo que seriam os alvos usuais: a Igreja, seus ministros, a doutrina cristã ou Deus. O autor nos perturba, pois sua crítica é muito mais profunda. Machado com sua descrição cria uma história em que Deus e o Diabo se veem às voltas com a “*eterna contradição humana*”. O “Velho Bruxo” não critica a religião, o que ele faz é uma crítica ao homem, à sua atuação na história por meio da religião, transformando-a assim na grande sutileza do “riso” de Machado de Assis.

Com mais um salto no tempo, passamos a outro escritor brasileiro, que chama a atenção por suas obras serem repletas de humor, que é Millôr Fernandes, de uma época diferente de Machado de Assis, mas que reflete a consistência do humor na literatura brasileira. Ortiga (1992) retrata, em sua tese de doutorado, o perfil do humor existente nos textos de Millôr Fernandes:

A primeira característica que evidenciamos no humor milloriano é a visão pessimista da condição humana e da sociedade brasileira. São textos que deixam entrever a relação agônica do escritor com a realidade que o circunscreve: o mundo ridículo, povoado de seres inferiores e preocupados com seu mesquinho cotidiano. Mas nos textos de Reflexões Sem Dor, nos Hai-kais, na grande maioria dos poemas de Papáverum Millôr, ou ainda nos aforismos do Livro Vermelho percebe-se a presença de elementos atenuadores da distância crítica, que a grande maioria dos autores afirma ser a empatia. Ao mesmo tempo, é essa empatia que faz com que o humor se distancie do risível e se aproxime do sério. Mesmo mostrando o ridículo da natureza humana, o humor o faz com um certo sentimento de simpatia, incluindo-se nesse universo. Daí a frequência da auto-ironia que se insere nos textos de humor millorianos. Esse sentimento, todavia, não chega a comprometer o ceticismo que caracteriza o auto. (ORTIGA, 1992, p. 178).

Para Ortiga, o riso do humor é um riso que traz reflexão. Com a chegada da modernidade o humor passa a ter uma dimensão privilegiada. Ele passa ser um riso de utilidade, em que reconhece as limitações, um riso autoirônico, que olha ao seu redor a partir de si mesmo, dessa forma, tornou-se uma constante nos textos de humor em Millôr Fernandes, e na sociedade moderna. (ORTIGA, 1992, p. 179). A relevância de se mencionar dois autores distintos, de períodos históricos diferentes, mas que têm um traço humorístico em suas obras é para demonstrar que na literatura brasileira tínhamos bons humorista, inteligentes e criativos, dotados de ironia, sarcasmo para com o cristianismo.

### O RISO NO BRASIL: ATÉ OS TEMPOS DE REDE

Falar do riso e do humor na cultura brasileira logo nos remete aos comediantes atuais, e não à literatura, por esse motivo preferiu-se abrir esse capítulo do artigo falando de autores de obras literárias, ainda que muito superficialmente, os quais usavam o cristianismo como fonte de humor. Assim, cabe salientar uma obra que chama muito a atenção que é a do pesquisador Elias Thomé Saliba, intitulada *Raízes do Riso: A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. Nela o autor se propõe a estudar a representação humorística brasileira durante a *Belle Époque* e nos primeiros tempos do rádio, fornecendo ao leitor um panorama da produção humorística brasileira ao longo do século XIX, abarcando desde os folhetos cômicos do período regencial: pasquins, rodapés dos pequenos jornais, até o surgimento das primeiras revistas ilustradas, que começaram a proliferar graças ao desenvolvimento da impressão e reprodução aos tempos da rádio e da TV. Suportes de difusão do humor diferentes dos tempos atuais, em que a *internet* domina fortemente.

No final do século XIX uma parte da campanha abolicionista e da campanha republicana foi feita por meio de charges, essa manifestação, considerada intelectual, era uma manifestação produzida para um determinado grupo, os leitores dos jornais da época, e que saberiam compreender a linguagem do humor explicitada nas charges. Essa linguagem humorística tida como invertida precisava ser lida por alguém que saiba dá significado a ela, caso contrário, a charge não surtiria nenhum efeito. No entanto, a sociedade da *Belle Époque* brasileira não era muito próxima da linguagem humorística, os romances, as epopeias eram mais apreciadas e o humor que não se encaixasse nesses moldes estéticos era desprezado. O humor aparecia de verdade no teatro de revista e em locais em que só homens poderiam frequentar. É em um período

conturbado de final da *Belle Époque*, que coincide com a vigência do surrealismo europeu, que eclode a Semana de Arte Moderna, movimento que retrata a sociedade e a política brasileira, porém contribuindo, mesmo que involuntariamente, para a discriminação dos humoristas, chargistas e autores de textos humorísticos do teatro de revista.

Como atesta Saliba (2002), os intelectuais da época afirmam que os humoristas não escrevem literatura, nesse sentido, percebe-se o descaso da alta literatura pelos autores dos textos de humor. Os escritores de produções humorísticas acabam dessa forma relegados, esquecidos e até mesmo marginalizados, talvez devido à própria momentaneidade dos textos humorísticos. Os problemas existentes em relação ao tipo de riso, produzido pelos artistas da época, era decorrente da visão entre o “riso bom” e o “riso mau” da representação humorística, que por sua vez, advinha do humor francês, o mau riso, irônico e satírico. Para Saliba (2002) havia uma resistência em

[...] estabelecer uma fronteira, já que ela implicava um exercício de distanciamento do sujeito – exercício já quase impossível no século do romance engajado e do mergulho naturalista -, de qualquer modo o cômico tolerado era aquele que provocava o “bom riso”, aquele que não exprimia rancor, que não se dirigia contra a “alguém” ou “alguém” em especial, aquele que não degradava o objeto risível. (SALIBA, 2002, p. 46).

Ainda nesse aspecto, Silveira (2015) reitera que o riso, na atualidade, sofre com essa relação, para ele é “possível identificar que o humor aceitável naquele período era de afirmação e não de subversão.” (SILVEIRA, 2015, p. 39). Saliba (2002) ratifica a importante contribuição dos humoristas e de suas produções para a modernização do país, para o nascimento de um jornalismo novo e empreendedor, para as primeiras manifestações do cômico no teatro, na imprensa, no rádio e no cinema. Da imprensa escrita até a *internet* dos dias de hoje, as mídias estiveram sempre muito ligadas ao humor. O fortalecimento deste tipo de imprensa influenciou vigorosamente os futuros humoristas brasileiros, que, nas primeiras décadas do século XX, seriam os pioneiros do humor no rádio brasileiro e no cinema.

Durante a Era Vargas, funda-se a Rádio Nacional – primeira estatal brasileira – que foi também a pioneira na área humorística. Os primeiros anos da rádio no Brasil mostram uma relação muito próxima entre a comédia e a radiodifusão. No entanto, o advento do Rádio veio somente nos anos 30, quando uma explosão de

audiência consolidou seu espaço, e foi só em 1950 que aconteceu no Brasil as primeiras transmissões televisivas. Porém, somente em 1953 é que surgem na TV os primeiros programas humorísticos. Os programas pioneiros foram *Circo do Arrelia*, da TV Paulista e *A Praça é Nossa*, de Manoel da Nóbrega. Em 1956, surge o Chacrinha, na TV Tupi. Nos anos seguintes, estreiam na TV Rio os programas humorísticos: *Noites Cariocas*, com Chico Anísio interpretando quatro personagens, e *O Riso é o Limite*, uma parceria entre Péricles do Amaral e Chico Anysio que durou até 1963.<sup>8</sup>

Os programas como o “Balança mais não cai”, gravados em auditórios, com plateias faziam críticas à sociedade, mantinha a função de protesto do humor. O quadro “Primo Rico e Primo Pobre”, que chegou a ser reproduzido pela TV Globo, é um dos exemplos de humor que tocavam na ferida da sociedade brasileira do período. Mas, nem mesmo a principal produtora da época conseguiu resistir ao desgaste que as comédias tiveram com a popularização da televisão e o surgimento do cinema novo, bem mais politizados.

Com a chegada dos “anos de chumbo”, durante a ditadura militar, o humor assumiu uma forma de protesto e continuou a pleno vapor com publicações alternativas. A tolerância para com o humor na ditadura, ao contrário do que todo mundo pensa, foi a única área de expressão que ainda conseguia passar alguma informação, mensagem ou crítica, porque a inteligência militar achava que era preferível permitir que as pessoas brincassem, rissem, que transformassem aquilo em uma coisa risível, que vai passar, do que guardassem aquele rancor e acabassem fazendo uma revolução.

Na década de 1960 tem-se o surgimento das revistas e jornais humorísticos como: “O Pasquim”, na equipe de jornalista estava nada mais, nada menos que Millôr Fernandes e Ziraldo, que se tornaram referência para o humor brasileiro. Os humoristas Hubert, Reinaldo e Cláudio Paiva, egressos do jornal *O Pasquim*, se reuniram para produzir um novo jornal mensal de humor o tabloide fora conhecido como *O Planeta Diário*, desde sua primeira edição, o jornal estabeleceu um padrão de humor gráfico, baseado na sátira aos jornais “sérios”, diferente de tudo que se conhecia.<sup>9</sup> Isso pode ser constatado nas imagens das capas do jornal apresentadas abaixo:

Figura 1 - Capa do jornal *O Planeta Diário*

Fonte: [http://midiaalternativabygc.blogspot.com.br/2007\\_06\\_01\\_archive.html](http://midiaalternativabygc.blogspot.com.br/2007_06_01_archive.html)

Acesso em: 11/01/2016





Figura 2- Capa do Jornal O Planeta Diário – 2



Fonte: [http://desciclopedia.org/wiki/Planeta\\_Di%C3%A1rio](http://desciclopedia.org/wiki/Planeta_Di%C3%A1rio)  
Acesso em: 11/11/2016.

Com o fim da ditadura militar, programas foram criados em diferentes formatos seguindo a linha de esquetes como a *TV Pirata* ou a linha “citcom” como o programa *Sai de Baixo* da TV Globo. A novidade trouxe uma mudança significativa na hora de produzir o humor. Assim, com a chegada da *internet*, o humor passou a ter uma maior liberdade<sup>10</sup>, que na *internet* os humoristas podem postar o que quiserem e não necessitam de patrocínio para divulgação. É o caso dos *stand up*, dos vídeos (curtos) postados nas redes sociais e ou nos canais de vídeo como o YouTube.

Essa retomada de identidade do humor vai resgatar a linguagem de burla, de transgressão, da desordem, há uma quebra de um padrão de expectativas. É esse paradoxo do humor brasileiro, enquanto os formatos mudam a função de quebrar padrões da sociedade, diminuindo as distâncias sociais, permanecem. Saliba (2002) assinala que os humoristas não tiveram dificuldades em se adaptar aos meios que então surgiam, graças à experiência que haviam acumulado:

[...] a mistura lingüística, a incorporação anárquica de ditos e refrãos conhecidos por ampla maioria da população, a concisão, a rapidez, a habilidade dos trocadilhos e jogos de palavras, a facilidade na criação de versos prontamente adaptáveis à música, aos ritmos rápidos da dança e aos anúncios publicitários (SALIBA, 2002, p. 228).

No livro *Raízes do Riso* o autor afirma que o humorismo em todas as suas formas articulou a dimensão da narrativa histórica do país muito difundida no imaginário da sociedade brasileira. O autor enfatiza que é pelo riso que o Brasil descarrega no humor a distância e as abstrações sociais, destacadas pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda, no livro *Raízes do Brasil*.<sup>11</sup> Porquanto, Saliba (2002) reforça a função

social do riso no humor dos textos jornalísticos do Brasil da *Belle Époque*, demonstrado pelo caráter de ataques persistentes às instituições e às figuras políticas do final do século XIX e início do XX:

[...] o mais interessante nessa produção é que, embora a chacota seja dirigida contra algo ou alguém, há sempre alguns momentos nos quais seus autores parecem perder o controle - momentos em que é possível desnudar ou desmistificar, para além dos meros objetos da sátira ou da derrisão, alguns aspectos ou elementos coletivos ou sociais. (SALIBA, 2002, p. 57).

Mesmo havendo os problemas em relação ao tipo de humor que se produzia, o que Silveira (2015) destaca é que:

Passado mais de um século, o chamado "mau riso", o riso crítico, fora dos padrões de comodidade e questionamentos, ainda é alvo de críticas, desc(2002)onfortos e desprezo por parte dos mais conservadores. Em 1911, um ensaio do frei Pedro Sinzig, citado por Saliba, demonstra algumas características que ainda se alastram na sociedade brasileira, passados um século. Ele se manifestava "contra as revistas ilustradas a serviço do demônio, o remédio são as revistas ilustradas a serviço de Deus" (2002, p. 112). Essas manifestações contrárias às ilustrações, poderiam tranquilamente fazer parte de um discurso fundamentalista a respeito dos vídeos com temática cristã do Porta dos Fundos. Passaram-se décadas, mas algumas referências do que é um "bom riso" e um "mau riso" continuam vigentes e suscitando discussões, contrariedades, identificações e questionamentos. (SILVEIRA, 2015, p. 39).

Percebe-se, portanto, que o *chiste* está presente na sociedade brasileira até os dias atuais, simples ou complexos, irônico ou escrachado, como forma de protesto ou para trazer um sorriso aos brasileiros. Segundo humorista Hubert, em entrevista à Katarina Farias<sup>12</sup> "[...] é aquela velha história, o humor tem dois tipos, humor engraçado e humor sem graça, por mais que a gente esteja mudando, e estando no século XXI ainda continua valendo essa grande regra: quando é engraçado é engraçado, quando não é não é!".

Da TV à *Internet*, vários são programas que adentram na questão humorista no Brasil, mas os que mais interessam para a análise aqui desenvolvida são justamente os que têm uma pegada humorística religiosa.

Dos humoristas nacionais mais conhecidos certamente encontra-se Chico Anysio, um humorista versátil, criador de vários personagens, dentre eles: *Divino*,

um guia espiritual que não possui religião, que dá preferência em suas consultas às mulheres; *Véio Zuza*, personagem que representava um preto velho que estava sempre dando conselhos para os habitantes de Chico City, cujo bordão era “*Hehehe. O Véio entende, meu fio...*”; *Painho* é um pai de santo baiano e homossexual. Personagem que atraía pessoas importantes da sociedade baiana sempre requisitando os serviços de *Painho* para que ele falasse da sorte e futuro de cada um através dos búzios. Esses três personagens, representavam um mundo religioso diferente da esfera do cristianismo. No entanto, há dois personagens que chamam mais a atenção em relação à questão religiosa cristã. A personagem de *Padre Miguel*, um religioso que sabia como se livrar das artimanhas do diabo, que fazia qualquer coisa para conseguir atender aos fiéis. Já, seu personagem *Tim Tones*, um personagem capaz de provocar o riso a partir de questões religiosas.

Figura 3 – Caricatura da Personagem Tim Tones – Chico Anysio

Fonte: <http://caricaturistavinicius.blogspot.com.br/2012/05/personagens-de-chico-anysio-tim-tones.html> Acesso em: 03/02/2017



O quadro humorístico era também um clara alusão ao programa do famoso televangelista Rex Humbard<sup>13</sup>, que tinha seus programas apresentados em vários países, inclusive no Brasil. Exibido em meados dos anos 80, o quadro causou fortes reações no meio evangélico. O nome de *Tim Tones* foi inspirado no controverso *Jim Jones*, americano que se dizendo mensageiro divino convenceu uma centena de seguidores de sua seita a cometer suicídio coletivo. *Tim Tones* aproveitava boa parte de seus cultos para vender toda sorte de produtos e quinquilharias da fé. Sempre acompanhado de sua esposa e de seus sete filhos. O quadro de *Tim Tones* era para simular um teleculto de verdade. O bordão mais famoso de *Tim Tones* foi “vamos correr a sacolinha!”<sup>14</sup>. Chico Anysio faz uma sátira, com muito sarcasmo ao parodiar os pastores evangélicos que, para o humorista, o único interesse dos pastores era de arrecadar ofertas, suas críticas eram ferrenhas. Ainda na TV, mas dando um pequeno salto no tempo, um quadro do programa *Tá no Ar: a TV na TV*, da Rede Globo, causou repercussão na *Internet*. Muito previsível, já que os humoristas Marcelo Adnet e Marcius Melhem tiveram a ousadia de mexer em um tema envolvendo questões religiosas – o comportamento

dos evangélicos. O quadro fez uma sátira da série americana *Friends*, que passou a se chamar *Crentes*. No quadro, os personagens com nomes bíblicos usam termos conhecidos entre os evangélicos como vigília e escola dominical.

O que se percebe no programa humorístico “Tá no Ar” é que seu maior alvo é o excesso de religião na TV. Um programa que trabalha a temática religiosa de forma a suscitar o riso em plena TV aberta. Desde 2014, quando fez a sátira ao programa americano, vem causando várias discussões. Em 2015, provocou novamente com outras esquetes que seguiam o mesmo objetivo, por exemplo no programa em que a travesti Rogéria narra a Bíblia. O quadro ganhou o nome de “A Bíblia Segundo Rogéria”. No ano (2016) o programa voltou a usar expressões conhecida dos evangélicos para satirizá-los no quadro “Assembleia de Ateus”. Não o bastante, Adnet representa um pastor evangélico, imita o jeito característico das falas dos pastores da Igreja Universal. Usando uma série de menções ao ateísmo, o texto do quadro propõe uma troca de expressões comuns para os evangélicos por “equivalentes” ateístas.

Figura 4 – Programa Tá no Ar



Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/5689601/programa/>

Acesso em 05/01/2017

Por exemplo, o “aleluia” foi substituído por “eureca”. As orações terminam com “Em nome de Darwin, de Newton e de Albert Einstein” e o amém virou “a Nietzsche”. O cenário mostra um local que lembra um templo, que implicitamente seria da Assembleia de Deus. A pintura no teto do templo, ao invés de imagens religiosas, tinha uma tabela periódica dos elementos químicos. No lugar da Bíblia, é feita a leitura da “Segunda lei de Newton”. O quadro finaliza com um “período de louvor”, só que a Darwin e não a Jesus<sup>15</sup>.

Com o passar do tempo e as mudanças midiáticas, a nova onda humorística agora está presente na *Internet*. Na mesma *vibe* dos personagens *Tim Tones*, nos anos setenta, e de *Crentes*, já na atualidade, surgem na *Internet* humoristas que exploram as questões religiosas como possibilidade de provocar o riso. *Pastor Adélio: o pastor mais sincero do mundo*<sup>16</sup> é uma dessas personagens. A personagem do Pastor Adélio levanta questionamentos por meio de um discurso embasado pelas perícopes bíblicas, nas quais ele vai induzindo seus ouvintes/ espectadores ao questionamento sobre o significado dos escritos da Bíblia. Em suas pregações há uma marca constante que é a negação da existência de Deus, e isso vai ao encontro do neoateísmo e consequentemente do ciberateísmo, posto que a discussão se dê dentro desse ambiente virtual. Pode-se dizer que esse ciberateísmo traz consigo uma intrigante provocação que nos leva a repensar o discurso da tradição religiosa, em que a comunicação da fé precisa ser renovada, pois há uma fragilidade no velho discurso religioso. Nas esquetes a personagem faz uso do sarcasmo e da sátira de forma bastante incisiva em relação ao que está escrito na Bíblia, para ela tudo pode ser comprovado pelo livro sagrado. É preciso deixar claro que o humorista não parodia o texto bíblico, ele o satiriza, no entanto, a paródia está justamente em relação à performance do pastor evangélico, aquele que aparece na TV, os televangelistas. Os vídeos mais acessados são os de cunho religioso.

Figura 5 - Vídeo YouTube: O Pastor Mais Cara de Pau do Mundo



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=hJlAFaiIHg0&t=4s>

Acesso em: 10/02/2017

Várias são as polêmicas que envolvem as personagens, tanto Chico Anysio, como Adnet, idealizador do *Tá no Ar*, assim como o Pastor Adélio, que muitas vezes precisam se defender na justiça, pois são processados pelos pastores que se sentem

ofendidos com seus vídeos. Falar de religião com humor é algo que na sociedade atual se considera politicamente incorreto. Não muito diferente do Pastor Adélio, surge o Grupo Porta dos Fundos: o coletivo de humor, no ano de 2012. Foram 37 esquetes que depois se transformaram em um livro cujo título é *Porta dos Fundos*. Silveira, estudioso que desenvolveu pesquisa sobre o grupo, afirma que:

A liberdade que a *internet* propicia, sem dúvida, foi um dos trunfos do grupo, aliado à qualidade técnica, e a atores e redatores reconhecidos por sua atuação humorística, que contribuíram para a divulgação inicial dos vídeos. Os humoristas Fábio Porchat, Marcos Veras e Gregório Duvivier, já eram conhecidos por um número considerável de público por trabalhos na TV, no teatro e no cinema. E também Antônio Tabet, que já tinha um número significativo de seguidores no seu site de humor Kibe [...] notar o estilo do grupo e o enfoque da sua proposta, quando alfinetam os censuradores da moral e dos bons costumes. (SILVEIRA, 2015, p.61)

Um dos vídeos mais assistidos e comentados do grupo foi o vídeo *Especial de Natal*<sup>7</sup>. Segundo Silveira, “o vídeo sofreu uma série de críticas negativa por parte de religioso e do público. A indignação chegou ao arcebispo metropolitano de São Paulo, Dom Odílio Scherer, que publicou crítica ao grupo”. Ainda segundo Silveira, inclusive o Pastor e deputado federal Marco Feliciano entrou com ação solicitando uma indenização de um milhão contra o grupo, pois afirmou que

[...] o conteúdo altamente pejorativo, utilizando-se inclusive de palavras obscenas, e de forma infame atacou os dogmas cristãos e a fé de milhares de brasileiros que comungam deles, ferindo dialeticamente o direito fundamental à liberdade religiosa (SILVEIRA, 2016, p. 1003).

Nesse contexto, o que se percebe é que os aspectos religiosos podem suscitar o riso e isso tem sido explorado há muito tempo, tanto por escritores, em suas produções literárias, quanto por humoristas, em esquetes para as TVs e Canais na *Internet*. Os pastores de denominações pentecostais e neopentecostais são capazes de utilizar os textos bíblicos para, de certo modo, conduzir a ação dos fiéis de acordo com seus interesses pessoais. Os humoristas, aqui mencionados, acabam utilizando essas mesmas artimanhas para parodiá-las, ironizá-las e ou satirizá-las.

Dessa forma, corrobora-se com Mora (2003, p. 08) quando afirma que o que caracteriza o humor satírico é “o caráter didático que faz com que a literatura se extravase, saia dos seus limites para afetar a realidade extraliterária”. O humor satírico tenta, de certa forma, ultrapassar o espaço físico do papel, mexer com o mundo real para, de uma maneira ou de outra, suscitar o riso crítico acerca de normas sociais, do

homem, da sociedade, de valores, visões de mundo, tipos de governo, entre outras possibilidades de tudo o que pode ser risível. Já Turner destaca que “o objetivo [de uma produção satírica] não é humilhar, mas incomodar e fazer as pessoas se abrirem para formas alternativas de pensamento” (TURNER, 2014, p. 155). Percebe-se assim que a sátira tem uma dupla função: fazer com que o público descubra possibilidades de outro ponto de vista ou mesmo descobrir que há hipóteses com relação a determinado assunto, isto é, abrir-se para além do óbvio.

Vários outros formatos de humor estão presentes em nosso tempo, a *Charge* o *Stand Up*, também fazem parte da vida humorista virtual e real da sociedade. Querer explorar a todos nesse subcapítulo é muita pretensão, por isso optou-se por apontar um breve caminho que o humor, o riso, vem trilhando no Brasil, a partir de alguns pontos que se considerou mais relevante. Diante de tudo o que até aqui já foi posto, corrobora-se com o pensamento de Saliba, escritor de *Raízes do Riso*, quando em entrevista à Márcia Junques<sup>18</sup>, é questionado sobre o que seria o humor tipicamente brasileiro, e afirma:

Eu acho que é difícil definir uma vocação típica do humor, não só brasileiro, mas de qualquer outra cultura, porque o humor é uma modalidade de experiência tão diversa, tão multifacetada, que é difícil teorizar sobre ele. Mas eu arrisco: eu acho que o humor brasileiro típico é paródico. Mas não paródia no sentido original, de “canto paralelo”. A vida do brasileiro é tão cheia de incongruências que, para fazer humor, ele faz uma paródia da vida real. Eu me lembro aqui, por exemplo, da frase do Paulo Emílio Salles Gomes analisando o Mazaropi e a chanchada: ele dizia que nossa capacidade paródica resulta “daquela nossa incapacidade criativa de copiar...”. Eu acho que isso tem a ver com a nossa história brasileira, porque, se a realidade já é engraçada, basta que façamos uma paródia do real. (SALIBA, 2011, p. 2).

No contexto da citação acima, pode-se dizer que não há um gênero humorístico tipicamente brasileiro. Sendo assim, acredita-se que no gênero humorístico praticado pelo *Pastor Adélio*, o *pastor mais sincero do mundo* tenha em seu cerne o gênero humorístico televisivo, radiofônico e literário. Ademais, por mais que os formatos tenham se modificado é possível dizer que a forma de provocar o riso ao longo dos anos sempre esteve associada à crítica elaborada através da sátira e da ironia acerca de temas polêmicos da sociedade, dentre eles a religião e a política.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O humor, o riso e o cristianismo entrecruzam-se ao longo da história da

humanidade. Por isso, corrobora-se com Bakhtin (2013), quando afirma: o riso dessacraliza e relativiza as verdades estabelecidas e as coisas sérias, dirige-se ao superior, à Igreja, às divindades, aos Estados. Para o autor a ambivalência do riso é clara, pois ele demonstra uma opinião sobre um mundo em plena evolução, no qual se incluem todos aqueles que riem. Nessa lógica, ao conceber o mundo de forma diferente, não séria, o riso nos permite acessar os aspectos do mundo em uma totalidade e não individualizada. Manifestando-o, entra-se em harmonia com o todo, por isso, o povo quando ri torna-se indivisível, completamente oposto àqueles que se julgam sérios e poderosos. Nesse aspecto, é possível compreender personagens como Tim Tones, Padre Miguel, Véio Zuza, o *Pastor Adélio*, pois eles relativizam as verdades tidas com absolutas pelos “crentes”. O humorista ao propor um personagem como o Pastor Adélio, que utiliza passagens bíblicas para comprovar o seu discurso, ele dessacraliza o texto bíblico e provoca o riso, - não em todos, é claro, mas aquele que rir com o Pastor Adélio consegue se libertar das amarras da religião -, esse riso compara-se ao riso descrito por Bakhtin.

Nossa sociedade passa por um momento de “civilização” do riso, em que tudo deve estar dentro do politicamente correto, ou seja, não se pode ferir outrem com o riso. Portanto, o riso politicamente correto vem ganhando espaço e o humor mais agressivo, ácido, vem perdendo seu lugar, acarretando assim debates sobre o que é o humor, o riso, do que se pode rir e fazer humor. No entanto, para o Minois (2003), o riso presente no século XX “ [...] é um riso de humor de compaixão e ao mesmo tempo de desforra diante de reveses acumulados pela humanidade ao longo dos séculos e das batalhas contra a idiotia, contra a maldade e contra o destino” (MINOIS, p. 558). O autor ainda afirma que:

[...] o humor sociológico requer a participação ativa do ouvinte, sua cumplicidade. Ele gera uma simpatia, vinda da solidariedade diante das desgraças e dificuldades do grupo social, profissional, humano. É então que se percebe a dimensão defensiva do humor, arma protetora contra a angústia (MINOIS, 2003, p. 559).

Para ele “são as desgraças do século que estimulam o desenvolvimento do humor, como um antídoto ou um anticorpo diante das agressões da doença. Ele penetra em todos os domínios, em todas as corporações profissionais” (MINOIS, 2003, p. 559).

#### NOTAS

<sup>1</sup> Licenciada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Santa Catarina, em 2005. Mestra em Literatura pela UFSC, em 2017. Atualmente é doutoranda em literatura



*junto ao Programa de Pós-graduação em Literatura também pela UFSC. E-mail: patyleonor@gmail.com.*

- <sup>2</sup> In MINOIS, Georges. *História do Riso e do Escárnio*. São Paulo: Unesp, 2003, p. 21.
- <sup>3</sup> “A Poética foi elaborada por Aristóteles como um conjunto de cadernos destinados à educação, uma espécie de “livro do professor”, ou guia do mestre na orientação dos discípulos em aula. É bastante provável que em algum ponto o trabalho original de Aristóteles foi dividido em dois, e cada um “livro” constituía um rolo de papiro separado. A razão dessa suposição é que hoje se sabe que a obra não está completa, falta uma segunda parte, toda dedicada à comédia. Há suspeitas de que um documento chamado *Tractatus Coislinianus* traga o conteúdo resumido do livro perdido. Já o conteúdo que sobreviveu também ficou perdido por um bom tempo, até que na época da Renascença descobriu-se uma versão em árabe composta por Averróis.” Disponível em: <http://www.infoescola.com/literatura/poetica-obra-de-aristoteles/>. Acesso em: 05/02/2017
- <sup>4</sup> Cabe salientar que na tradução para a língua portuguesa da obra *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco, os personagens Guilherme e Jorge são, respectivamente, frei Willian e o beneditino George de Burgos no texto original.
- <sup>5</sup> <http://www.academia.org.br/academicos/gregorio-de-matos/biografia>
- <sup>6</sup> Poema extraído de: <http://literaturabrasileira.ufsc.br/documents/formatted/0006-00947.html>
- <sup>7</sup> Trecho do poema extraído de: <http://literaturabrasileira.ufsc.br/documents/formatted/0006-00947.html>
- <sup>8</sup> <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/chico-anysio/trajetoria.htm>
- <sup>9</sup> Mais informações sobre o jornal *O Planeta Diário* podem ser encontradas no seguinte link: [http://midiaalternativabybc.blogspot.com.br/2007\\_06\\_01\\_archive.html](http://midiaalternativabybc.blogspot.com.br/2007_06_01_archive.html)
- <sup>10</sup> Muito embora, alguns humoristas passem a sofrer impugnações, processos, eles ainda continuam a postar seus vídeos!
- <sup>11</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Companhia das Letras, 2008, São Paulo, 220 páginas.
- <sup>12</sup> Disponível em: <http://www.pilha.vrc.puc-rio.br/humorismo.html> - A HISTÓRIA DO HUMOR BRASILEIRO. Acesso em 10/09/2016
- <sup>13</sup> Rex Humbard, o primeiro televangelista do mundo e pioneiro em programas de TV evangélicos, morreu de causas naturais em 21 de setembro de 2007. Ele tinha 88 anos. Humbard, mencionado pela revista *U.S. News & World Report* como “Um dos 25 Maiores Arquitetos do Século Americano”, é citado como o primeiro evangelista de TV dos EUA. Em 1949, Rex Humbard iniciou programas de rádio e TV a partir da filial da CBS em Indianapolis, Indiana, e o mundo reparou. <http://juliosevero.blogspot.com.br/2007/09/rex-humbard-primeiro-televangelista-do.html>
- <sup>14</sup> Vídeo do Personagem pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=NgRhZfpNfzs>
- <sup>15</sup> Os esquetes podem ser assistidos no canal da Rede Globo: <https://globoplay.globo.com/v/3364906/>
- <sup>16</sup> Pastor Adélio, é uma personagem criada pelo “humorista, dramaturgo, escritor, roteirista e ator”. O autor possui três livros lançados: *Preciso Dar um Jeito na Vida* (poesia – 1998),

*Meninos de Kichute* (romance – 2003), adaptado para o cinema pelo diretor Luca Amberg e *Corações de Aluguel* (romance policial – 2007). Mais informações podem ser obtida no artigo: A ARTE DO HUMOR: “PASTOR ADÉLIO, O PASTOR MAIS SINCERO DO MUNDO” disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/rhlm/article/view/12099>

<sup>17</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=2VEI\\_tn090c](https://www.youtube.com/watch?v=2VEI_tn090c)

<sup>18</sup> Entrevista disponível em: [http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=3965&limitstart=1](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3965&limitstart=1) Acesso em 02/02/2017

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Luiz Antonio Brasil. *O prazer da leitura*. Comunicação apresentada no terceiro encontro do projeto Paiol Literário, em 17 de agosto de 2006, na cidade de Curitiba (PR). Assunção. São Paulo: Unesp, 2033.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

\_\_\_\_\_. *Questões de literatura e de estética* (a teoria do romance) São Paulo: Editora UNESP/Hucitec, 1998.

\_\_\_\_\_. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*. O contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec/UNB, 1996.

*BÍBLIA DE JERUSALÉM*. Português, 4ª reimpressão. São Paulo: Paulus, 2006.

FERRAZ, S. LEOPOLDO, R.N.(Orgs). *Escritos Luciféricos*. Segunda Parte: 6. *É certo que riste*: humor no Cristianismo. Blumenau: Edifurb, 2014.

MAYA, Alcides. *Machado de Assis* (Algumas notas sobre o “humour”). Rio de Janeiro: Livraria Editora Jacintho Silva, 1912.

MINOIS, Georges. *História do Ateísmo*: os descrentes no mundo ocidental, das origens aos nossos dias/ tradução Flávia Nascimento Falleiros, I. ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2014.

MORA, C. M (org.). *Sátira, paródia e caricatura: da antiguidade aos nossos dias*. Aveiro: Universidade do Aveiro, 2003.

ORTIGA, Odília Carreirão. *O riso e o risível em Millôr Fernandes*: O cômico, o satírico e o “humor”. São Paulo, Tese de doutorado USP, 1992.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso*: A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos de rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVEIRA, André Luiz. *Riso e subversão*: O cristianismo pela Porta dos Fundos. Florianópolis –

SC, Dissertação de Mestrado UFSC, 2016.

TURNER, S. *Engolidos pela cultura pop*. Viçosa: Ultimato, 2013.

WORCESTER, D. *The art of Satire*. Cambridge; Harvard Univ. Press, 1940. p. 37.